



LULA MOSTRA as mãos sujas de óleo durante solenidade da primeira produção contínua do pré-sal brasileiro, no Espírito Santo

A manchete vergonhosa e o conhecimento do presidente

• Numa demonstração de desconhecimento de geografia, geologia, ecologia, política, economia e história, o presidente Lula chamou ontem de “vergonhosa” a manchete do GLOBO com a notícia de que

a Europa suspendeu a exploração de petróleo em águas profundas no momento em que o Brasil vai em sentido oposto. Segundo Lula, a Europa “não tem” petróleo no mar, desconhecendo que Noruega

e Reino Unido estão entre os grandes produtores mundiais, extraindo-o do Mar do Norte. Em outro equívoco, Lula disse que o Mar Morto, que banha Jordânia e Israel, fica na... Europa. **Página 27**

Lula: EUA foram incompetentes

Presidente ataca 'O GLOBO'. Para analistas, Brasil não está preparado para vazamento de óleo

Bruno Dalvi*, Ramona Ordoñez e Danielle Nogueira

VITÓRIA e RIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem, em Vitória, que os Estados Unidos são incompetentes por não terem conseguido conter o vazamento de petróleo no poço do Golfo do México operado pela BP. E, pouco antes de inaugurar oficialmente a primeira produção contínua do pré-sal brasileiro, no litoral capixaba, Lula afirmou que a União Europeia (UE) só recomendou aos países do bloco suspender novos projetos de exploração em águas profundas porque não tem petróleo no mar. O presidente criticou reportagem publicada anteontem no GLOBO mostrando que o Brasil está aumentando a produção de petróleo em águas profundas, caso do pré-sal, enquanto EUA e Europa estão revendo essa atividade por causa do acidente no Golfo do México, o maior desastre ambiental da história da indústria petrolífera.

— Hoje eu vi um jornal que, para fazer uma crítica ao Brasil, diz que a Europa está deixando de pesquisar ou de tirar petróleo no fundo do mar e que o Brasil continua. Primeiro, é preciso saber qual país da Europa tem petróleo no fundo do mar. O pouco que tem no Mar Morto (sic) está acabando, no Mar do Norte está acabando. Ou

seja, na verdade, talvez esteja por detrás disso a ideia de dizer: "Ô Brasil, não tira o seu petróleo do pré-sal, não! Deixa aí para alguém um dia vir tirar". E nós temos tecnologia — disse Lula em entrevista à Rádio Litoral FM.

Apesar de Lula afirmar que o petróleo no Mar do Norte está acabando, a Noruega produz hoje 2,3 milhões de barris de petróleo por dia e o Reino Unido, 1,4 milhão. O Mar Morto, citado pelo presidente, fica na verdade no Oriente Médio. Mas, para Lula, há desconhecimento sobre a Petrobras.

— Essa manchete é vergonhosa. O que eles deveriam estar fazendo era criticar a incompetência dos Estados Unidos em não ter terminado ainda o vazamento de óleo que já dura mais de 60 dias. Significa dizer que eles não conhecem nem a Petrobras. Se conhecessem, não fariam uma manchete dessa — completou Lula.

Especialista cobra transparência

• Mais tarde, em discurso no navio plataforma FPSO Capixaba, no Campo de Baleia Franca, onde teve início a primeira produção contínua do pré-sal brasileiro, Lula disse que um acidente como o do Golfo do México não ocorreria com a Petrobras.

— A empresa que estava fazendo aquilo (nos EUA), para fazer mais barato, colocou menos do que precisava colocar e quando explodiu aconteceu o

que aconteceu. Não é o caso que vai acontecer com a Petrobras, que 190 milhões de brasileiros estarão ajudando a Petrobras a tirar, da forma mais carinhosa possível, o nosso tão cheiroso e admirado petróleo do pré-sal.

Especialistas, porém, temem que, com o avanço da produção em águas profundas no pré-sal, o Brasil se torne vulnerável a acidentes como o ocorrido nos EUA. Eles também cobram mais transparência dos órgãos reguladores e ambientais.

— Está havendo uma omissão por parte da ANP (Agência Nacional do Petróleo) e do Ibama em dar transparência ao que planejam em termos de normas de segurança e fiscalização para o pré-sal. É injustificável — criticou o ex-diretor da ANP David Zylbersztajn, que, contudo, não acha necessário o Brasil adiar projetos em águas profundas como fizeram EUA e Noruega, e como recomendou a UE.

No Brasil, os maiores campos de petróleo situam-se em águas profundas e, no caso do pré-sal, que ainda será explorado, a profundidade é muito maior, de até sete mil metros. Nas primeiras áreas já pesquisadas do pré-sal, há reservas estimadas de 15 bilhões de barris, o que dobraria a capacidade de produção brasileira.

Zylbersztajn também critica a falta de transparência da Petrobras em relação à atuação no pré-sal. Para o advogado especialista em petróleo Alexandre Aragão, Petrobras e ANP precisam mostrar como são os sistemas de segurança no país e, se em função do acidente no Golfo do México, é



LULA: "PETROBRAS vai tirar o nosso tão cheiroso e admirado petróleo do pré-sal"

preciso mudar alguns procedimentos. A estatal alega estar em período de silêncio devido à capitalização e não quis se manifestar.

Em nota, a ANP afirmou ontem que, "até o momento, não há indicações de que seja necessário alterar a atual regulamentação sobre segurança operacional das plataformas que operam em águas brasileiras". Segundo a agên-

cia, apenas com informações mais detalhadas sobre o acidente da BP, será possível determinar se será necessário tornar mais rigorosos os sistemas de segurança operacional no Brasil.

Para o oceanógrafo da Uerj Ricardo Carreira, que trabalha com monitoramento de poluição por petróleo, o país não está preparado para um acidente como o do Golfo do México:

— O que me preocupa é que não há um plano de ação integrada para contenção de vazamentos. A capacidade de resposta brasileira não está clara.

País concentra poços profundos

• Edmar de Almeida, do Grupo de Economia de Energia da UFRJ, lembra que a produção petrolífera está em declínio nos países europeus e que, por isso, é mais fácil para eles tomar a decisão de suspender as perfurações de novos poços em alto mar. A Noruega, por exemplo, viu sua produção cair de 3,1 milhões de barris/dia de petróleo em 1999 para 2,3 milhões de barris diários no ano passado.

— Seria uma inconseqüência o Brasil suspender seu programa. O maior potencial de aumento de produção em águas profundas no mundo está aqui.

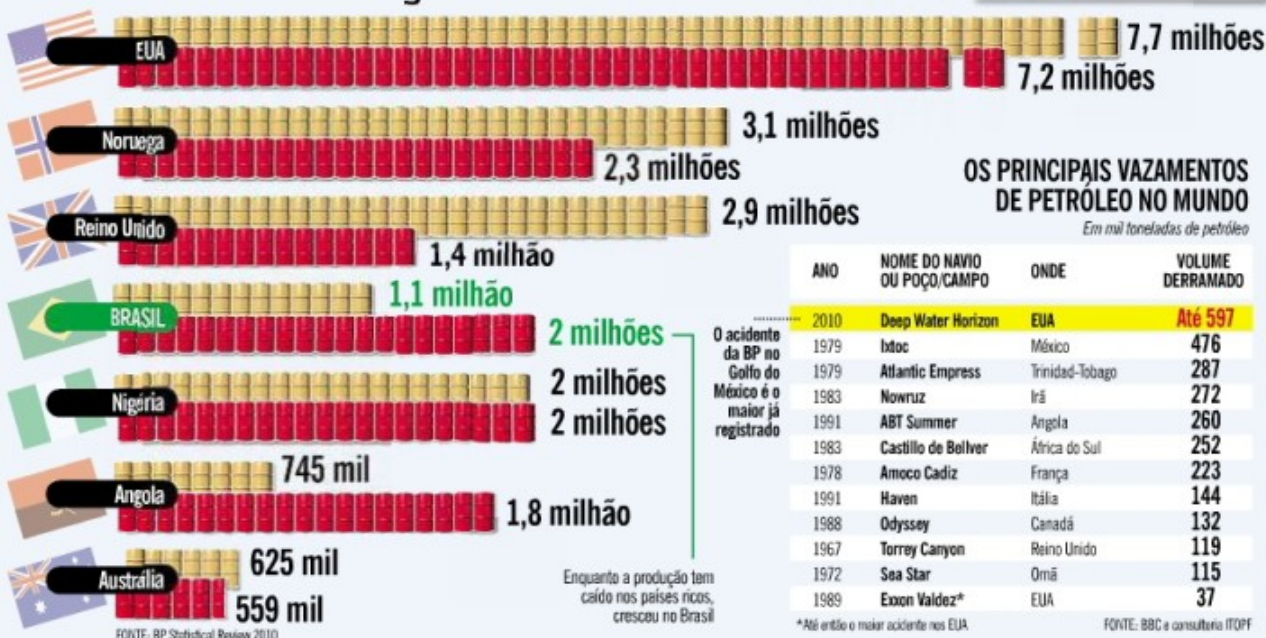
Segundo Almeida, mais de 30% dos poços com 2 mil metros de profundidade ou mais já perfurados no mundo estão em costas brasileiras, e a Petrobras detém *expertise* para exercer a atividade. ■

* Especial para O Globo

O MAPA DA PRODUÇÃO

Volume total nos principais países que atuam em águas profundas

BARRIS POR DIA 1999 2009



OS PRINCIPAIS VAZAMENTOS DE PETRÓLEO NO MUNDO

Em mil toneladas de petróleo

ANO	NOME DO NAVIO OU POÇO/CAMPO	ONDE	VOLUME DERRAMADO
2010	Deep Water Horizon	EUA	Até 597
1979	Ixtoc	México	476
1979	Atlantic Empress	Trinidad-Tobago	287
1983	Nowruz	Irã	272
1991	ABT Summer	Angola	260
1983	Castillo de Belfer	África do Sul	252
1978	Amoco Cadiz	França	223
1991	Haven	Itália	144
1988	Odyssey	Canadá	132
1967	Torrey Canyon	Reino Unido	119
1972	Sea Star	Omã	115
1989	Exon Valdez*	EUA	37

O acidente da BP no Golfo do México é o maior já registrado

*Até então o maior acidente nos EUA

FORTE: BBC e consultoria ITOFF

Dilma e Serra: diferenças na margem

**Vera Saavedra
Durão**



A crise europeia e as dificuldades enfrentadas ainda pelo governo dos Estados Unidos para retomar a atividade econômica, combatida pelo tsunami financeiro de 2008, têm gerado inquietude nos economistas que pensam o Brasil, às vésperas de uma eleição presidencial.

As opiniões se dividem. Em recente seminário fechado na Federação das Indústrias do Estado do Rio (Firjan), promovido pelo Departamento de Economia da PUC-Rio, reunindo, entre outros nomes, Pedro Malan, Affonso Celso Pastore e André Lara Resende, a questão foi abordada em uma pauta onde o prato principal era político: a palestra do cientista político Cesar Romero sobre "A Geografia do Voto nas Eleições Presidenciais do Brasil: 1989-2006".

A hipótese de uma piora no cenário mundial em 2011 com repercussões na economia brasileira não foi afastada nas discussões no encontro, podendo obrigar o futuro presidente, seja Dilma Rousseff ou José Serra, a adotar medidas mais austeras para tocar o país nos próximos dois anos.

Contas externas do país preocupam muitos economistas

Os economistas da PUC avaliaram que a crise, que abate hoje Grécia, Portugal e Espanha, pode se alastrar para outros países europeus e para os Estados Unidos, caso seus governos não consigam administrar a monstruosa dívida pública criada com a estatização da dívida privada de bancos e montadoras, após a queda do Lehman Brothers.

Agora, esses mesmos governos estão às voltas com gigantescos déficits públicos, numa sinalização de que o fantasma de 2008 voltou a rondar o mundo. E pode pegar o Brasil pelo lado do mercado externo, reduzir exportações, fluxo de capitais e negócios na Bolsa de Valores. O crescimento menor das economias desenvolvidas já está afetando o volume de investimentos diretos estrangeiros no país.

Carlos Langoni diretor do Centro de Economia Mundial da FGV, não crê num desfecho pessimista para a crise europeia. "O cenário externo não é impedimento para o crescimento do Brasil em 2011. Nosso grande desafio ano que vem será sustentar um crescimento acelerado como teremos este ano. Para mim, 7% é uma taxa de crescimento pontual. O problema brasileiro, ao contrário da China e da Índia, é encontrar um padrão de crescimento sustentado.

Esse é o desafio para o futuro presidente."

Acontece, porém, que uma contração nas exportações e nos investimentos diretos estrangeiros, por conta de menor crescimento dos países desenvolvidos, pode vir a requerer, em 2011, medidas para conter as importações e/ou para desacelerar a economia, incluindo ajuste fiscal. Uma receita para evitar o descontrole do déficit em conta corrente no médio prazo passa por juros mais baixos, moeda menos valorizada (pois o país deixa de atrair "smart money" com menor custo de capital) e política fiscal mais restritiva para segurar a expansão do gasto público.

Dilma e Serra não terão dificuldade em conduzir tal política, avalia Luiz Carlos Prado, do Instituto de Economia da UFRJ. Ambos, segundo ele, apoiam juros menores e câmbio mais desvalorizado para o Brasil. "Quem está concorrendo tem experiência de governo. A diferença entre o pensamento econômico de Dilma e Serra é na margem", aposta.

O sentimento de que Serra e Dilma não terão receitas muito diferentes de política econômica para enfrentar situações mais adversas é compartilhado por Romero. "Não vejo muita diferença de condução da economia entre os dois candidatos, quer o vencedor [da eleição] seja Dilma ou Serra". A percepção do cientista político é que os legados positivos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva Lula vão ter continuidade, seja quem for o próximo presidente. O segundo

mandato de FHC foi marcado pela estabilidade econômica. O segundo de Lula retomou o crescimento da economia com distribuição de renda. As duas coisas se complementam e vão continuar a orientar a economia brasileira.

Mesmo a questão do tamanho do Estado, que aparentemente cria um fosso entre ortodoxos e heterodoxos, não é vista pelo cientista político como uma muralha que separa os dois candidatos. "Serra é tão estatista quanto a Dilma. Serra não é Alckmin. É muito mais Mario Covas, que nunca se deixou enganar pela sereia das privatizações", afirma Romero.

A dúvida é qual dos candidatos terá condições de governabilidade para enfrentar situações de maior restrição no campo econômico, como corte de gastos que envolvam aposentadorias e salários. Talvez Dilma possa contar com mais apoio dos movimentos sociais. Talvez eles não infirmem a vida dela. Lula teve paz social bastante grande, sem fortes ondas grevistas, mas também não cortou benefícios. O risco maior, nesse caso, pode ser de Serra.

Romero concorda. Ele crê que o PT possa usar os movimentos sociais para queimar o capital político do adversário. Mas reconhece que as chances disso acontecer são pequenas. "PT e PSDB têm mais coisas em comum do que pensam, e só brigam porque são rivais em São Paulo."

Vera Saavedra Durão é repórter especial. A titular da coluna, Claudia Safatle, está em férias
E-mail vera.durao@valor.com.br